

REPENSANDO O JORNALISMO NA ATUALIDADE COM IMAGENS E PALAVRAS

Copyright © 2011
SBP_{Jor} / Sociedade
Brasileira de Pesquisa
em Jornalismo

BEATRIZ BECKER
Universidade Federal do Rio de Janeiro

O crescente processo de midiaticização da sociedade, o advento do computador e a emergente cultura da participação têm provocado mudanças expressivas no exercício do jornalismo, mas essa prática não experimenta sua primeira e tampouco a sua última grande crise ou transformação no século XXI. O desaparecimento de uma demarcação mais precisa entre Jornalismo e Assessoria de Imprensa, a fusão mercadológica entre notícia, entretenimento e publicidade, o domínio da informação não mais somente por grupos familiares, mas por grandes conglomerados de mídia, o imediatismo e a instantaneidade das notícias, e o acelerado fluxo de imagens nem sempre colaboram para a formação de alguma consciência crítica sobre uma determinada realidade histórica. Ao mesmo tempo, novos modos de construção da notícia por diferentes atores sociais geram possibilidades de mobilização da opinião pública e de construções de movimentos políticos em percursos não conhecidos ou previamente controlados, influenciando pautas de jornais, revistas e noticiários de televisão, ainda que a maior participação das audiências nem sempre contribua para uma prática jornalística de maior qualidade ancorada na diversidade. De qualquer modo, a agenda noticiosa não é mais a única maneira de dar conta da realidade e já não são mais atribuídas apenas às notícias a credibilidade e a influência social exercida pelas informações. Agora os gêneros discursivos estão cada vez mais misturados, os textos podem ser híbridos e transmitidos por diferentes suportes, desafiando o vínculo exclusivo dos relatos jornalísticos com a tradução da realidade, ou seja a compreensão do jornalismo como lugar exclusivo de referência da realidade. Parece que as pessoas já não têm mesmo necessidade da imprensa como antes, porque estão disponíveis muitos outros canais de informação. Mas, precisam de uma informação profissional e confiável sobre os acontecimentos que merecem ser conhecidos quando ajudam a compreender e a melhorar a sociedade na qual vivemos. Se o Jornalismo e os jornalistas têm perdido a sua

“aura” de exclusivos historiadores da verdade do presente, não deixam de oferecer uma forma de conhecimento fundamental do Brasil e do Mundo, constituindo uma possibilidade de resistência ao pensamento único, e reafirmando a necessidade do estabelecimento de sociedades mais descentralizadas e democráticas, ainda que suas maneiras de representar o cotidiano social, ou melhor, de eger e constituir critérios de noticiabilidade na construção de seus relatos nem sempre sejam transparentes ou visíveis. Nos últimos 200 anos, várias mudanças no exercício da profissão estão associadas às inovações tecnológicas. E, curiosamente, foram em diferentes crises que movimentos importantes nasceram na história do jornalismo, como o jornalismo investigativo, o jornalismo gonzo, o *new journalism*, e o *civic journalism*, a partir dos Estados Unidos, principalmente, mas com reflexos nas coberturas em todo o mundo. Nesses momentos, as pesquisas em Jornalismo também se reinventaram. É claro que a disciplina é diferente e só existe em função do exercício profissional; e demanda um distanciamento por parte dos pesquisadores que justifique sua transformação em campo de pesquisa. Porém, frente às reconfigurações das mediações jornalísticas, é uma prática cada vez mais necessária porque permite observar a profissão com um olhar crítico e construir alguns conceitos e perspectivas que podem contribuir para qualificar o Jornalismo e as investigações em desenvolvimento. Hoje, constitui-se como um campo em expansão em diferentes países de distintos continentes. E o seu amadurecimento na atualidade implica justamente no enfrentamento do desafio de avançar, encontrando um equilíbrio entre os diálogos com outros campos de saber por meio de uma abordagem multidisciplinar do objeto de estudo e o esforço de uma construção teórico-metodológica específica, que dê identidade e densidade ao próprio Jornalismo como campo científico. É justamente a busca dessas referências nos estudos de Jornalismo que deem conta de sua singularidade e sejam capazes de contribuir para sua maior compreensão como fenômeno cultural o tema do artigo, nesta edição, de Martin Löffelholz & Liane Rothenberger. E a necessidade de abordagens mais diversas dos acontecimentos nas rotinas produtivas e da autonomia dos profissionais de imprensa também é questão importante, trabalhada por Cristiane Brum Bernardes ao discutir as relações entre os jornalistas e as fontes da mídia legislativa mantida pela Câmara dos Deputados brasileira - TV Câmara.

Compreendemos que não experimentamos, efetivamente, um esvaziamento das práticas jornalísticas e das pesquisas neste campo de conhecimento, bem ao contrário, identificamos que os papéis da

mídia e do jornalismo são cada vez mais relevantes na significação e compreensão do mundo modeladas por palavras e imagens. Essas construções de sentidos são questionadas por muitos pesquisadores que contribuem para uma percepção mais ampla desses processos em suas investigações, independentemente dos suportes e das linguagens utilizadas no tratamento da informação jornalística. Não por acaso dedicamos este Dossiê às complexas relações entre Jornalismo e Imagem, na tentativa de colaborar para a quebra de determinados mitos como os que atribuem exclusivamente às imagens, e não às palavras, o poder de homogeneizar os discursos ou de produzir a fabulação do mundo, contribuindo para leituras mais críticas e sensíveis das atuais formas de escritura do cotidiano social.

Uma especialidade relevante e ainda muito pouco disseminada nos estudos de Jornalismo na nossa área acadêmica é o Fotojornalismo, abordada de maneira instigante por três contribuições distintas nesta edição. Atílio Avancini propõe uma reflexão sobre os significados das fotografias na narrativa jornalística, questionando o valor da imagem fotográfica diante da fragilidade conceitual da fotografia digital como documento e informação. Daniel Thierry discute a especificidade da fotografia da imprensa local por meio de uma análise dessa prática e do *status* profissional dos autores dessas representações. E Angie Biondi analisa a visibilidade do sofrimento e do sujeito revelados na fotografia de imprensa, a partir de um estudo de imagens de guerras, atentados e doenças. Essas e muitas outras imagens ganham em determinados momentos uma expressiva centralidade no campo midiático, constituindo-se não apenas como provas e testemunhas dos fatos, mas no próprio acontecimento. E o artigo de Maria Cleidejane Esperidião nos permite compreender melhor como funciona o ecossistema noticioso global e as agências internacionais de notícias no telejornalismo mundial. Porém, há imagens que brevemente desaparecem da pauta jornalística, e outras que permanecem circulando em diversos dispositivos, mesmo os não noticiosos. Esse processo de midiaticização das imagens e a circulação de seus efeitos de sentido é o tema do artigo de Ana Paula Rosa. A problematização das relações entre elementos visuais e princípios de edição jornalística sob os efeitos das mudanças tecnológicas ainda ampara a análise de Ana Gruszynski e Bruna Amaral sobre as reformulações gráficas pelas quais passou o jornal *Zero Hora* (ZH) entre os anos de 1990 e 2010. As autoras mostram que a significativa alteração dos *layouts* pode estar associada à crescente quantidade de informações disponíveis e ao intenso uso de recursos

gráficos e imagens no espaço gráfico, o que muitas vezes compromete a hierarquia do que é noticiado. E quantidade de informação não significa qualidade de conteúdos. Saber selecionar e realizar uma leitura crítica das informações, talvez, nunca tenha sido tão essencial quanto na atualidade. Por isso, o desenvolvimento das pesquisas em Jornalismo também está associado ao ensino e os resultados alcançados nas investigações podem ser aplicados no seu aperfeiçoamento. Sem dúvida, é importante oferecer aos futuros profissionais aptidões e interesses para compreender o que acontece nas telas do computador e da TV e fora delas, e para construir notícias que despertem alguma consciência sobre a realidade histórica do mundo, seus desafios e contradições. Mas, para isso é preciso que os estudantes também tenham a oportunidade de aprender a construir reportagens mais contextualizadas e inventivas nos laboratórios de ensino e pesquisa e nas disciplinas que integram experiências teóricas e práticas no processo de formação profissional, independentemente dos suportes e das linguagens utilizadas. O artigo de Mayra Rodrigues Gomes e Rosana Soares apresenta um projeto pedagógico em hipermídia, reunindo imagens e palavras para explorar a convergência, propiciando conectividade e estimulando a criatividade em processos de aprendizagem, temática que também tem se destacado nas pesquisas do jornalismo digital. Para esses estudos são relevantes as contribuições sistematizadas e organizadas por Marcos Palacios e Othon Jambeiro no livro *Brazilian perspectives in digital environments: communication policies, e-government and digital journalism*, aqui resenhado por Leonardo Menezes.

De fato, em um mundo mediado pelas tecnologias digitais, as imagens midiáticas se constituem muitas vezes na própria experiência de realidade, mas também podem funcionar como interpretações diferenciadas dos acontecimentos, revelando que a palavra não é a única fonte da verdade. Isso não significa assumir as imagens como espelho do real ou rejeitá-las como simulacros e representações falsas, mas poder reconhecer que os sentidos das notícias resultam em modos de dizer e de intervir na vida social, e, certamente, também da maneira como aprendemos a ler os sentidos das imagens. Esperamos que esta edição possa despertar interpretações dos relatos jornalísticos em outras direções.